

Aluno(a): \_\_\_\_\_ Data: 24/08/2020

**ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA**  
**ORALIDADE - LEITURA – ESCRITA- EDUCAÇÃO LITERÁRIA**

**ORIENTAÇÕES**

- 1- *Busque um local silencioso para participar deste momento.*
- 2- *Esteja com o seu penal próximo de você e em ordem.*
- 3- *Imprima esta atividade e esteja com ela durante as aulas pelo Zoom de Língua Portuguesa.*
- 4- *Envie para a sua professora, após concluída.*

*Bom trabalho!*

**Objetivos**

- Expressar ideias com clareza e objetividade, para posicionar-se criticamente enquanto falante e ouvinte. Analisar e sintetizar as ideias de um tema debatido pelo grupo, para ampliar a capacidade de argumentação em situações comunicativas.
- Interpretar diferentes gêneros e tipologias com coerência e criatividade para elaborar “resposta-texto” com suas próprias palavras; justificar seus pontos de vista, para atribuir um porquê a cada resposta dada.
- Apresentar, em atividades reguladas, ritmo de leitura, finalizando-a em tempo oportuno e demonstrar compreensão do que foi lido.

**1º momento: 24/08**

Leitura silenciosa

**2º momento: 24/08**

Leitura oral

**3º momento: 24/08**

Registre em seu caderno, através de um desenho, o texto lido.

## **ESQUEÇA A CINDERELA! NOSSOS FILHOS PRECISAM CONHECER MESMO É A MALALA.**

Ela não perdeu muito tempo se lamentando pelos cantos quando se sentiu injustiçada. Nem esperou que um príncipe a resgatasse. Malala até chorou um pouco, é verdade, mas quem não choraria ao ver seu país invadido pelos talibãs que, de quebra, ainda decretaram que as meninas não podiam mais estudar? Quem não choraria ao ver mais de 400 escolas destruídas? Malala logo botou a boca no mundo. “Como o Talibã se atreve a tirar meu direito à educação?”, discursou publicamente em 2008, quando tinha apenas 11 anos. Depois, escreveu um blog contando ao mundo como era sua vida durante a ocupação. Chamou a atenção por defender o acesso das mulheres à educação e, por isso, foi ameaçada e baleada pelos barbudos extremistas em outubro de 2012, quando voltava da escola.

A repórter especial do Estadão, Adriana Carranca, embarcou para o Paquistão logo depois que o Talibã tentou matar Malala, com uma missão: descobrir mais sobre a menina e contar essa história em um livro para o público adulto. Mas voltou de lá com um livro para as crianças. “Ficou claro para mim que esta era uma história incrível para os pequenos, por Malala ser também apenas uma menina, uma jovem de uma zona tribal que acreditou nos seus sonhos. Por ser uma história de amor à escola, aos professores, aos livros”, conta. Adriana se hospedou com moradores da cidade para entender o lugar onde Malala nasceu e cresceu. Conheceu a escola onde a menina estudou, conversou com amigas e colegas de classe. Falou com os médicos que a atenderam depois do atentado, parentes, vizinhos, e conheceu o quarto de Malala que, na época da visita de Adriana, lutava pela sobrevivência em um hospital da Inglaterra.

Ela não sonhava em encontrar um príncipe encantado, mas em ir para a escola; não queria se realizar por meio do casamento, mas por si própria com o mundo de possibilidades que a educação oferece. É uma anti-Cinderela”, completa Adriana.

Meu filho ainda não sabe ler, mas ao me ver uma tarde inteira debruçada sobre a história de Malala, quis saber do que se tratava o livro. “É sobre uma menina que foi proibida de ir para a escola, Samuca”. E ele, intrigado, arriscou uma teoria para a tal proibição. “Por que ela era muito bagunceira, mamãe?”. Eu expliquei que não, que existiam lugares onde as meninas eram impedidas de ir à escola por alguns homens maus. Ele, que já começa a achar as meninas legais, reclamou. “Nossa! Que lugar injusto esse!”

No livro, as crianças aprendem também que na cidade de Malala não é apenas na escola que as mulheres não eram bem-vindas. “No mercado de rua de Mingora, cidade da Malala, há uma faixa: proibida a circulação de mulheres”, conta Adriana. Mostrar questões áridas para quem ainda está em processo de formação de caráter, pode ser uma boa forma de promover a tolerância religiosa, racial e cultural, segundo a autora. “Nós explicamos o que é uma igreja, uma sinagoga, uma mesquita, um templo; o hijab, o quipá, a cruz”, afirma. “É uma forma de ajudá-los a compreender o tempo em que vivemos”, completa. E no tempo em que vivemos, ainda bem, é possível também que um Prêmio Nobel da Paz seja dado a uma adolescente paquistanesa, como Malala. No discurso de recebimento do prêmio, Malala justificou sua luta. “Eu tinha duas opções, a primeira era permanecer calada e esperar para ser assassinada. A segunda era erguer a voz e, em seguida, ser assassinada. Eu escolhi a segunda. Eu decidi erguer a voz.”

FONTE: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ser-mae/esqueca-a-cinderela-nossos-filhos-precisam-conhecer-mesmo-e-a-malala/>

#### **4º momento: 27/08**

Volte ao texto, releia-o e responda às perguntas abaixo.

1. Escreva, com suas palavras, quais as ideias principais do texto lido. Sobre o que ele fala? Lembre-se de organizar sua resposta.

---

---

---

---

---

2. Adriana Carranca pretendia escrever a história de Malala, sendo um livro para adultos, mas voltou do Paquistão com um livro para crianças. Por que a escritora mudou de ideia?

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Por que, segundo o texto, Malala é uma anti-Cinderela, ou seja, tem ideias diferentes, contrárias a de Cinderela?

---

---

---

---

---

---

---

---

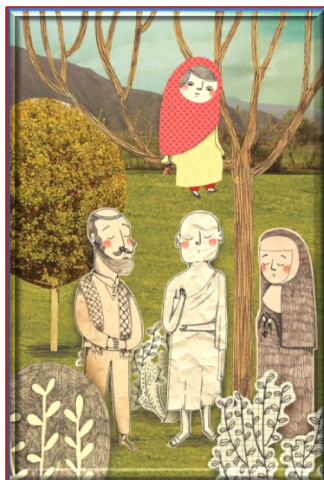


Ilustração: Bruna Assis Brasil